

Nesta entrevista, o professor João Beauclair, palestrante e conferencista Internacional sobre da área de educação, salienta que, em suas conversas com professores de todo o país, os profissionais sentem mais falta de ações voltadas para a valorização e qualificação dos profissionais do magistério

RENATO DECCACHE
renato.deccache@folhadirigida.com.br

Tem sido cada vez mais comum a realização, por secretarias de educação, palestras para grupos de professores, como forma de contribuir para que os profissionais tenham acesso a novas concepções educacionais. Com isto, alguns especialistas têm a oportunidade de percorrer várias cidades e ter contato com docentes de realidades e perfis os mais diferenciados.

É o que acontece, por exemplo, com o educador João Beauclair, que é palestrante e conferencista Internacional sobre temas motivacionais, organizacionais, educacionais e psicopedagógicos, e professor de cursos de pós-graduação, capacitação e formação continuada de educadores. Ao ser perguntado sobre do que percebe que sentem mais falta os professores com os quais tem contato, ele foi categórico: valorização por parte do poder público, não só em relação a salários, mas em termos de qualificação. “O desafio, no que concerne à elaboração de políticas públicas efetivas, é criar novos modelos de formação em serviço, validando as histórias de vida dos educadores e reforçando sua importante tarefa de formar pessoas”, destaca o educador.

Autor do livro *Do Fracasso Escolar ao Sucesso na Aprendizagem: proposições psicopedagógicas* (Ed. WAK), João Beauclair aborda, nesta entrevista, os obstáculos que os estudantes enfrentam para alcançarem o aprendizado, analisa as relações entre famílias e escolas e estudantes, e destaca a importância dos limites no processo educacional.

“Sem limites, não há possibilidades de construção de bons hábitos, boas maneiras, boas atitudes. Transferir esta responsabilidade somente para os professores é injusto”, destacou o especialista.

— O SENHOR É AUTOR DO LIVRO DO FRACASSO ESCOLAR AO SUCESSO NA APRENDIZAGEM: PROPOSIÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS. NA ESCOLA, O QUE PODE FAZER A DIFERENÇA PARA QUE O ALUNO REALMENTE CONSIGA APRENDER?

João Beauclair — Acredito que na escola e na prática educativa, sejam elas em qualquer nível e modalidade, o que pode fazer a diferença para que o aluno efetivamente aprenda é a construção de vínculos saudáveis com a informação, com o conhecimento e com a sabedoria. Vivemos em um tempo onde há excesso de informação, algum conhecimento e uma grande escassez de sabedoria. Desafios para as instituições que educam e para os educadores é fazer a mediação desta tríade de modo vincular e significativo.

— A SEU VER, QUE ASPECTOS SÃO DETERMINANTES PARA O CHAMADO FRACASSO ESCOLAR?

A expressão “fracasso escolar” possui sentidos múltiplos, pois são aspectos muito diversos que, intervindo em nossos processos cotidianos de seguir na magia da aprendizagem humana, referem-se ao tema. Questões relacionadas aos transtornos específicos na aprendizagem escolar, aspectos vinculados disfunções neuropsicológicas e imaturidade, além de demandas oriundas da própria vida emocional dos aprendentes e de uma série de outros fatores presentes na dinâmica relação entre corpo, organismo, desejo e inteligência. A Psicopedagogia que defendo é vital para nutrir os espaços do *aprender e ensinar*, com uma Didática do Assombro, onde sejamos capazes de perceber que aquilo que não conhecemos pode ser uma boa oportunidade de aprendermos juntos, uns com outros, quando desejamos colaborar para o sucesso de nossos empreendimentos e ações como educadores.

“É interessante perceber que de norte a sul do país, o que eu percebo com maior falta e, portanto, desejo, reside na formação continuada relevante e acesso aos estudos de aperfeiçoamento e especialização adequados a cada realidade”



Imagem de profissionais de educação em atividade: para professor João Beauclair, é fundamental desenvolver atividades de interação e aproximação entre professores e alunos

Professores carentes de valorização

“De um modo geral, coloca-se a culpa do fracasso dos aprendentes tão somente no sujeito que se deseja educar e acaba-se por esquecer que todo processo de aprendizagem é dinâmico, sistêmico e interdependente. No entanto, família, sociedade, sujeito aprendente e instituições educacionais se integram neste processo”



Para João Beauclair, hoje, há excesso de informação e grande escassez de sabedoria

— EM SUA OBRA, O SENHOR SE PROPÕE A MUDAR O FOCO DAS DISCUSSÕES E APONTAR NOVAS POSSIBILIDADES DE PERCEÇÃO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR. QUE MUDANÇA DE PERSPECTIVA EM RELAÇÃO AO PROBLEMA SERIA ESSA?

Tenho trabalhado com afinco, faz alguns anos, com estudos e pesquisas sobre este complexo tema em nossa Educação. O livro *Do Fracasso Escolar ao Sucesso na Aprendizagem: proposições psicopedagógicas* é fruto deste movimento, pois como educador sempre me incomodou ver as visões distorcidas a este respeito...um modo geral, coloca-se a culpa do fracasso dos aprendentes tão somente no sujeito que se deseja educar e acaba-se por esquecer que todo processo de aprendizagem é dinâmico, sistêmico e interdependente. No entanto, família, sociedade, sujeito aprendente e instituições educacionais se integram neste processo e devemos cuidar, de mediações educativas que todos se sintam envolvidos: afinal, educação deve compromisso de todos nós.

— O PAPEL DO PROFESSOR, NATURALMENTE, DEVE SER FUNDAMENTAL PARA MOTIVAR O ALUNO. MAS, E QUANDO ESSE PROFESSOR NÃO ESTÁ DEVIDAMENTE MOTIVADO, ATÉ POR NÃO RECEBER O RECONHECIMENTO QUE MERECE? O QUE UM GESTOR ESCOLAR PODE FAZER PARA, MESMO EM UM QUADRO COMO ESSE, MOTIVAR SEU PROFESSOR?

Tenho defendido a seguinte ideia: se

assumo frente a mim mesmo que desejo continuar atuando em Educação, devo me posicionar frente a isso com integralidade, em minha inteireza, propondo fazer da melhor maneira possível aquilo que esta presente em tal assunção. O reconhecimento do trabalho nosso em Educação será fruto de movimentações nossas para que seja possível o resgate da dignidade do exercer a docência. Docentes são gestores de suas salas de aula e gestores de escola devem saber-se motivadores e convencer, a todos os envolvidos, que só com parcerias e buscas por soluções coletivas poderão gerar melhores resultados.

— UM DOS PROBLEMAS APONTADOS POR MUITOS EDUCADORES ATUALMENTE É O DISTANCIAMENTO ENTRE ALUNOS E PROFESSORES. COMO APROXIMÁ-LOS, INCENTIVAR O RESPEITO MÚTUO ENTRE ELAS, COMO EXISTIA EM OUTRAS ÉPOCAS? O QUE É FUNDAMENTAL PARA ISSO?

Há, nesta questão, um belo desafio a ser vivido. Hoje, crianças e jovens vivem em um tempo novo, afinal estamos num novo século e, o que é melhor, um novo milênio se inaugurou. As vivências em sala de aula serão significativas para todos a partir do momento que pais, filhos, educadores e gestores criarem espaços de dialogicidade. É o resgate do diálogo que fará com que valores humanos sejam ressignificados e projetos de

construção do novo ganhem visibilidade e efetividade. O fundamental para isso é formação permanente para todos os envolvidos no belo ato humano de educar

— E COM RELAÇÃO AO BULLYING: QUAL A ESTRATÉGIA MAIS ADEQUADA PARA AS ESCOLAS ENFRENTAREM ESSE PROBLEMA?

O enfrentamento do *bullying* só será eficaz à medida que estejamos em atenção e disponibilidade para aprender a lidar com este fenômeno, não recente na história das relações humanas e nas interações dentro das instituições. A grande questão é buscarmos criar novas estratégias no que diz respeito ao dinamismo social que é a vida em grupo. No campo psicopedagógico, -principalmente com a Psicopedagogia Preventiva -, tenho atuado com uma oficina psicossocioeducativa chamada “*O bullying nosso de cada dia*”, onde vivenciamos de modo dinâmico os conceitos de igualdade e diferença. A pergunta principal nesta intervenção é: “*Somos Iguais e Diferentes: em quê?*”

— OUTROS PÓLOS FUNDAMENTAIS DA EDUCAÇÃO QUE SE ENCONTRAM DISTANTES SÃO A FAMÍLIA E A ESCOLA. OS PAIS, POR EXEMPLO, RECLAMAM FREQUENTEMENTE DE FALTA DE INTERESSE E EXCESSO DE EXIGÊNCIAS DA PARTE DOS EDUCADORES. OS RESPONSÁVEIS TÊM RAZÃO NESTA QUEIXA?

A Educação é tarefa principal dos pais. Hoje, com todas as modificações sociais que a nós se apresentam cotidianamente, a família e a escola precisam revisar suas práticas e rever conceitos antigos e modos de ser e estar no mundo, infelizmente definitivamente ultrapassados. Os pais, em suas queixas, podem ter muita razão, mas as exigências aos educadores, em muitas situações, beiram o absurdo. Sem sombra de dúvida, o novo assusta. Resta-nos apenas uma alternativa: a busca de soluções compartilhadas, “*cooperantes*” e cooperativas, que são possíveis quando existe, de fato, comprometimento com a formação do sujeito aprendente, que somos todos nós ao longo da vida.

— DE OUTRO LADO, OS PROFESSORES TAMBÉM RECLAMAM DA FALTA DE LIMITES, POR PARTE DOS PAIS, EM RELAÇÃO A SEUS FILHOS. E ARGUMENTAM QUE ESSA POSTURA EXCESSIVAMENTE PERMISSIVA PREJUDICA O TRABALHO DOS PROFESSORES, NA MEDIDA EM QUE O ESTUDANTE TENDE A ACHAR QUE PODE FAZER TUDO O QUE QUISER NA ESCOLA, ASSIM COMO FAZ EM CASA. OS EDUCADORES TÊM RAZÃO EM SUA QUEIXA?

Questão polêmica e de extrema relevância hoje: a construção dos limites. Sem eles, os limites, a tendência do humano é achar que tudo pode e que tudo lhe será permitido. Houve, historicamente, um retrocesso. Depois de anos vivendo uma história social repleta de autoritarismo, a tendência foi a de criar um tanto de justificativas para deixar de lado a voz que deve comandar e o papel do sujeito que educa. Sem limites, não há possibilidades de construção de bons hábitos, boas maneiras, boas atitudes. Transferir esta responsabilidade somente para os professores é injusto, pois sistemicamente existem bases onde o caráter de cada um de nós se constrói e reconstrói.

— POR QUE É TÃO DIFÍCIL APROXIMAR FAMÍLIA E ESCOLA NOS TEMPOS ATUAIS?

Aproximar família e escola nos tempos atuais é imenso desafio, visto que hoje vivemos a emergência do agora, do hoje e somos, em muitos casos, ocupados demasiadamente com múltiplas tarefas que exigem muitas horas de nosso cotidiano. Na verdade, o nosso movimento hoje deve ser o de dialogar, falar com

essência, verdade e profundidade sobre o que, de fato, estamos sendo: sujeitos que só consomem ou pessoas que se preocupam com nosso destino humano comum?

— O QUE AS ESCOLAS PODERIAM FAZER PARA APROXIMAR OS PAIS E RESPONSÁVEIS DO COTIDIANO ESCOLAR DOS ALUNOS?

Seducir pessoas e criar momentos de integrar pessoas. Em nosso país, um movimento bonito é o das Escolas de Pais, um modelo de formação de pessoas que lida com o desafio e a missão de apoiar pais, futuros pais e agentes educadores a formar, com criticidade, cidadãos conscientes de suas ações e interações.

— O SENHOR REALIZA PALESTRAS PARA PROFESSORES EM TODO O PAÍS. EM SEUS CONTATOS COM OS PROFESSORES, DE QUE O SENHOR PERCEBE QUE ELAS SENTEM MAIS FALTA?

É interessante perceber que de norte a sul do país, o que eu percebo com maior falta e, portanto, desejo, reside na formação continuada relevante e acesso aos estudos de aperfeiçoamento e especialização adequados a cada realidade. O desafio, no que concerne a elaboração de políticas públicas efetivas, é criar novos modelos de formação em serviço, validando as histórias de vida dos educadores e reforçando sua importante tarefa de formar pessoas e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e equânime. É vital nos nutrir com campanhas governamentais que sigam valorizando os profissionais de Educação.

— MUITOS FALAM NA DESVALORIZAÇÃO E NO DESPRESTÍGIO COM OS QUAIS VEM SOFRENDO A CARREIRA DO MAGISTÉRIO. NO SEU CONTATO COM OS PROFESSORES, O QUE O SENHOR PERCEBE, NELES, A FRUSTRAÇÃO E A INSATISFAÇÃO POR NÃO SEREM VALORIZADOS COMO DEVERIAM?

Tal percepção é bem real e, em minha própria história pessoal e biografia profissional, em muitos momentos, percebo esta desvalorização e desprestígio. No entanto, é uma opção que devemos fazer. Ficar esperando o grande dia de sermos reconhecidos é caminhar sem enxergar possibilidades de luz. Ser e estar atuando em Educação, em sua possibilidade de evolução pessoal e autoconhecimento, é nossa maior validação, como sujeitos que desejam construir uma cultura de paz, de não-violência, de valores e direitos humanos, a partir do espaço mágico da escola.

— O QUE, A SEU VER, SERIA FUNDAMENTAL PARA VALORIZAR O PROFESSOR NO PAÍS?

A meu ver, o fundamental para a valorização nossa, enquanto profissionais da Educação, está na elaboração de políticas públicas que sejam eficazes na aplicação de verbas destinadas às escolas, aos planos de cargos, salários e funções, além da formação continuada. Continuar movimentos sociais efetivos que humanizem a própria escola é outra importante tarefa a ser realizada. Lembrando e parafraseando Edmund Spenser (1552 – 1599), poeta inglês do Renascimento, acredito que os verdadeiros educadores “*lutam por nós, (...) velam por nós e nos guardam devidamente. Tudo por amor, sem exigir recompensas*”. O momento é este: recompensar os esforços de todos nós, educadores e educadoras deste país, com a construção de uma Pedagogia da Amosidade, que seja elaborada ocupando-se e preocupando-se com a Vida e a Educação no Novo Milênio, dignificando, com salários justos e condições de trabalho adequadas, nossas intervenções e atuações. Atuemos com Amor, mas sejamos recompensados por isso.